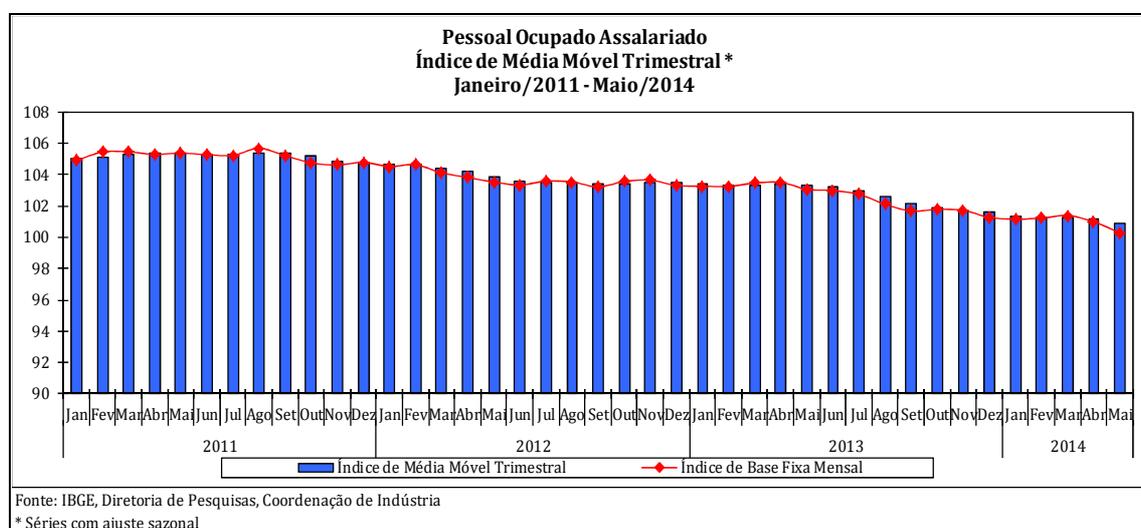


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em maio de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado na indústria mostrou queda de 0,7% frente ao patamar do mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, após registrar variação negativa de 0,4% em abril último. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou variação de -0,3% no trimestre encerrado em maio de 2014 frente ao patamar assinalado no mês anterior e manteve a trajetória descendente iniciada em abril do ano passado.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial mostrou queda de 2,6% em maio de 2014, trigésimo segundo resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto e o mais intenso desde novembro de 2009 (-3,7%). No índice acumulado para os cinco primeiros meses de 2014, o total do pessoal ocupado na indústria assinalou recuo de 2,2%, intensificando, assim, o ritmo de queda frente ao registrado no primeiro trimestre do ano (-2,0%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 1,7% em maio de 2014, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro do ano passado (-1,0%).

No confronto com igual mês do ano anterior, o emprego industrial recuou 2,6% em maio de 2014, com o contingente de trabalhadores apontando redução em treze dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto

negativo sobre a média global foi observado em São Paulo (-3,7%), pressionado em grande parte pela redução no total do pessoal ocupado em treze das dezoito atividades, com destaque para as indústrias de produtos de metal (-14,1%), máquinas e equipamentos (-6,1%), produtos têxteis (-12,1%), meios de transporte (-4,4%), calçados e couro (-14,3%), refino de petróleo e produção de álcool (-9,9%), alimentos e bebidas (-1,5%), outros produtos da indústria de transformação (-4,9%), papel e gráfica (-2,7%) e minerais não-metálicos (-3,7%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por Rio Grande do Sul (-3,8%), Paraná (-4,0%) e Minas Gerais (-2,1%), com o primeiro influenciado, principalmente, pelas quedas verificadas nos setores de calçados e couro (-8,0%), máquinas e equipamentos (-6,5%), metalurgia básica (-22,7%), meios de transporte (-4,8%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-11,2%) e produtos de metal (-4,5%); o segundo pressionado especialmente pelos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-38,0%), outros produtos da indústria de transformação (-7,3%), vestuário (-7,1%), meios de transporte (-4,0%) e produtos de metal (-6,1%); e o último devido à retração registrada em calçados e couro (-16,2%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,9%), meios de transporte (-4,8%), metalurgia básica (-3,3%) e borracha e plástico (-6,2%). Por outro lado, Pernambuco (0,3%) apontou a única contribuição positiva sobre o emprego industrial do país em maio de 2014, impulsionado, em grande parte, pelos setores de vestuário (11,8%), de produtos químicos (8,6%) e de alimentos e bebidas (1,3%).

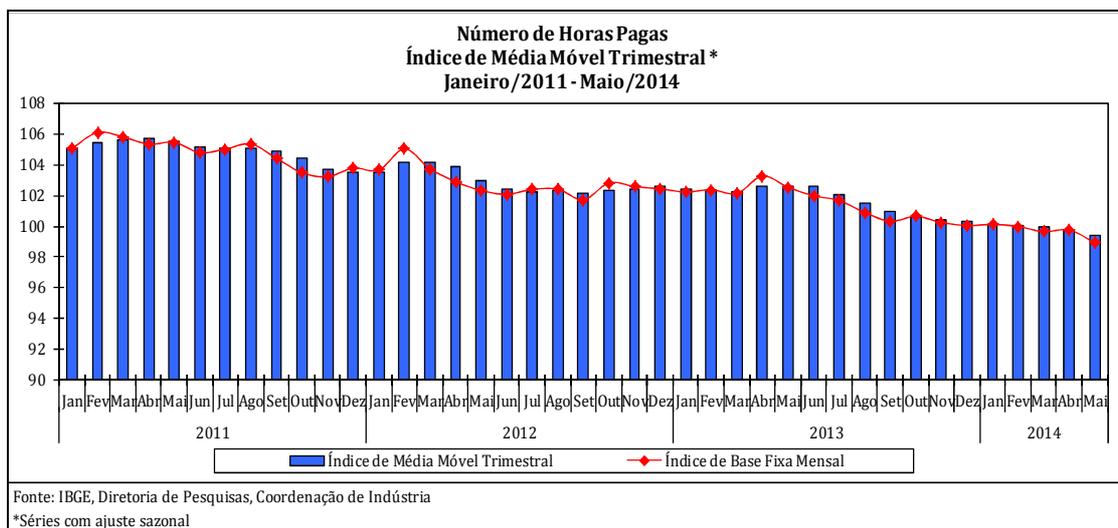
Setorialmente, ainda no índice mensal de maio de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado recuou em quinze dos dezoito ramos pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de produtos de metal (-7,4%), calçados e couro (-7,9%), meios de transporte (-4,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,1%), máquinas e equipamentos (-4,3%), produtos têxteis (-5,6%) e refino de petróleo e produção de álcool (-9,4%). Por outro lado, os impactos positivos sobre a

média da indústria foram observados nos setores de minerais não-metálicos (1,9%) e de produtos químicos (1,6%).

No índice acumulado dos cinco primeiros meses de 2014, o emprego industrial mostrou queda de 2,2%, com taxas negativas em onze dos quatorze locais e em quatorze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, São Paulo (-3,3%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Rio Grande do Sul (-4,0%), Paraná (-3,2%), Minas Gerais (-1,7%), Região Nordeste (-0,8%) e Rio de Janeiro (-1,5%). Por outro lado, Pernambuco (2,1%) e a Região Norte e Centro-Oeste (0,1%) exerceram as pressões positivas. Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, as contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de produtos de metal (-6,7%), máquinas e equipamentos (-4,9%), calçados e couro (-7,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,3%), meios de transporte (-2,8%), produtos têxteis (-4,9%) e refino de petróleo e produção de álcool (-8,2%). Em sentido contrário, os principais impactos positivos foram registrados por alimentos e bebidas (1,1%) e produtos químicos (2,0%).

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em maio de 2014, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, mostrou redução de 0,8% frente ao nível do mês imediatamente anterior, após registrar ligeira variação positiva de 0,1% em abril quando interrompeu dois meses seguidos de taxas negativas, período em que acumulou perda de 0,5%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou variação negativa de 0,4% no trimestre encerrado em maio de 2014 frente ao patamar do mês anterior e manteve a trajetória descendente iniciada em maio de 2013.



O número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, ao mostrar recuo de 3,3% no índice mensal de maio de 2014, assinalou a décima segunda taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto e a mais intensa desde outubro de 2009 (-5,3%). No índice acumulado dos cinco primeiros meses de 2014, o número de horas pagas na indústria recuou 2,7%, ritmo de queda mais intenso do que o observado no primeiro trimestre do ano (-2,3%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao passar de -1,7% em abril para -2,0% em maio de 2014, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro de 2013 (-1,0%).

Em maio de 2014, o número de horas pagas recuou 3,3% no confronto com igual mês do ano anterior, com perfil disseminado de queda, já que todos os quatorze locais e dezesseis dos dezoito ramos pesquisados apontaram taxas negativas. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-10,4%), meios de transporte (-6,4%), produtos de metal (-7,7%), máquinas e equipamentos (-4,8%), calçados e couro (-7,6%) e produtos têxteis (-6,8%). Em sentido contrário, os setores de minerais não-metálicos (1,7%) e de produtos químicos (0,7%) assinalaram os impactos positivos nesse mês.

Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, São Paulo (-4,7%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país em maio de 2014, pressionado em grande parte pela redução no número de

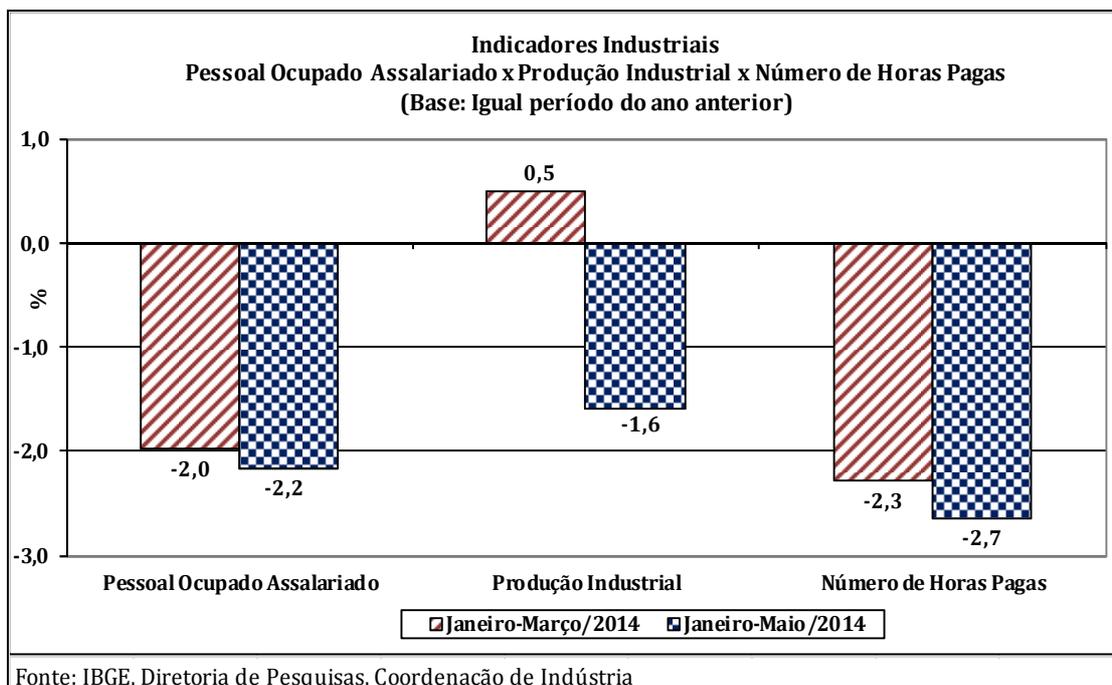
horas pagas nos setores de produtos de metal (-15,5%), meios de transporte (-6,9%), produtos têxteis (-15,0%), máquinas e equipamentos (-7,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-5,1%) e refino de petróleo e produção de álcool (-8,9%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por Rio Grande do Sul (-5,7%), devido, sobretudo, aos recuos verificados em calçados e couro (-10,4%), máquinas e equipamentos (-8,8%), meios de transporte (-8,1%), produtos de metal (-6,7%), metalurgia básica (-21,3%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-13,9%); Paraná (-4,5%), explicada em grande medida pela queda nos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-45,9%), outros produtos da indústria de transformação (-10,0%), meios de transporte (-7,5%) e produtos de metal (-7,8%); Minas Gerais (-2,7%), em função, principalmente, dos recuos observados em meios de transporte (-10,5%), calçados e couro (-13,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,1%), alimentos e bebidas (-2,2%), borracha e plástico (-9,2%) e metalurgia básica (-2,9%); e Região Nordeste (-1,9%), por conta, principalmente, das pressões negativas vindas de calçados e couro (-5,0%), alimentos e bebidas (-2,5%), produtos têxteis (-5,3%), refino de petróleo e produção de álcool (-8,0%), outros produtos da indústria de transformação (-4,5%) e produtos de metal (-3,8%).

No índice acumulado dos cinco primeiros meses de 2014 houve recuo de 2,7% no número de horas pagas, com quatorze dos dezoito setores pesquisados apontando taxas negativas. Os impactos negativos mais relevantes na média global da indústria foram verificados nos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-9,3%), produtos de metal (-7,5%), máquinas e equipamentos (-6,0%), calçados e couro (-7,8%), meios de transporte (-3,8%) e produtos têxteis (-6,0%). Em sentido oposto, o setor de alimentos e bebidas (0,9%) exerceu a principal contribuição positiva sobre o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria. Em nível regional, doze dos quatorze locais investigados apontaram taxas negativas, com destaque para o recuo de 4,0% registrado por São Paulo, vindo a seguir as perdas verificadas no Rio Grande do Sul (-5,2%), Paraná

(-4,4%), Minas Gerais (-2,4%) e Região Nordeste (-1,8%). Em contrapartida, a Região Norte e Centro-Oeste (1,0%) e o Rio de Janeiro (0,5%) assinalaram as influências positivas nos cinco primeiros meses de 2014.

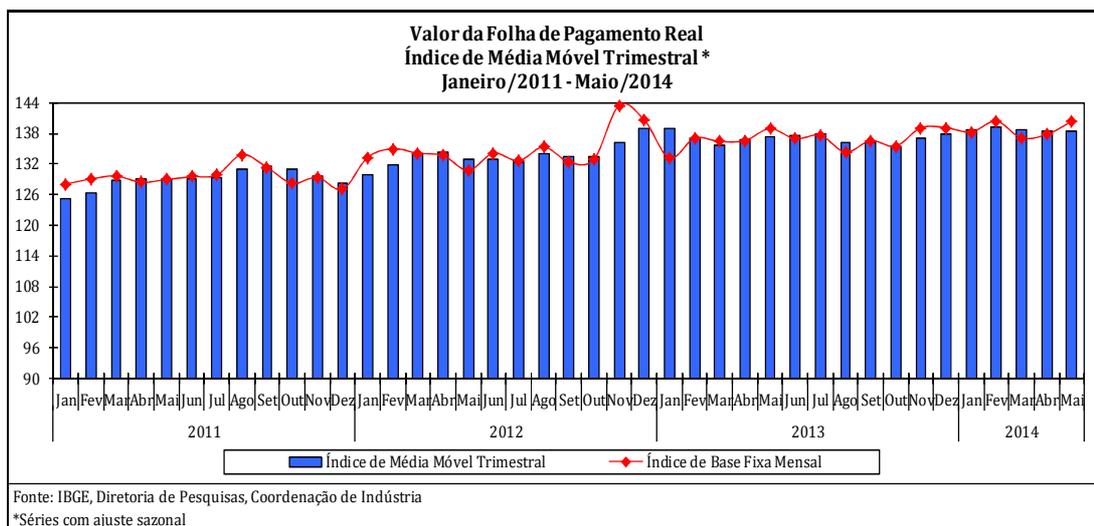
Em síntese, o total do pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria permaneceram com o comportamento de menor intensidade, com o primeiro acumulando perda de 1,1% em dois meses seguidos de taxas negativas, e o segundo voltando a mostrar resultado negativo (-0,8%), após ligeira variação positiva de 0,1% no mês anterior. A evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse quadro de menor ritmo do mercado de trabalho do setor industrial, já que esse indicador prosseguiu, nas duas variáveis, com o desempenho predominantemente negativo desde o primeiro semestre do ano passado.

Na comparação com igual mês do ano anterior, o pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria prosseguiram em maio de 2014 assinalando taxas negativas, com ambos apontando as perdas mais intensas desde, respectivamente, novembro e outubro de 2009. Com isso, o índice acumulado nos cinco primeiros meses de 2014 permaneceu com comportamento negativo e intensificou o ritmo de queda frente aos resultados do primeiro trimestre do ano, ambas as comparações contra igual período do ano anterior, tanto no total do pessoal ocupado assalariado, que passou de -2,0% para -2,2%, como no número de horas pagas (de -2,3% para -2,7%), acompanhando o movimento de redução também verificado na produção industrial (de 0,5% para -1,6%).



FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em maio de 2014, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente avançou 1,9% frente ao mês imediatamente anterior, após assinalar acréscimo de 0,5% em abril último. Vale destacar que no resultado desse mês tanto o setor extrativo (34,3%), influenciado especialmente pelo pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor, como a indústria de transformação (0,6%) apontaram taxas positivas. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral para o total da indústria repetiu no trimestre encerrado em maio de 2014 (0,0%) o patamar assinalado no mês anterior, após dois meses consecutivos de taxas negativas que acumularam perda de 0,6%.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real assinalou expansão de 1,4% em maio de 2014, quinto resultado positivo consecutivo nesse tipo de confronto. No índice acumulado nos cinco primeiros meses de 2014, o valor da folha de pagamento real na indústria avançou 1,7%, mas reduziu a intensidade do crescimento verificado no primeiro trimestre do ano (2,1%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao crescer 0,9% em maio de 2014, mostrou perda de ritmo frente aos resultados de janeiro (1,6%), fevereiro (1,5%), março (1,4%) e abril (1,2%).

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou avanço de 1,4% em maio de 2014, com resultados positivos em onze dos quatorze locais investigados. Os principais impactos positivos sobre a média global foram observados em São Paulo (0,8%), Rio de Janeiro (4,2%), Minas Gerais (2,9%), Região Nordeste (2,4%) e Espírito Santo (12,1%), impulsionados em grande parte pelos avanços registrados nos setores de alimentos e bebidas (12,9%) e meios de transporte (6,8%), no primeiro local, indústrias extrativas (9,1%), influenciado principalmente pelo pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor, máquinas e equipamentos (17,8%), papel e gráfica (9,0%) e alimentos e bebidas (6,4%), no segundo, metalurgia básica (6,5%), refino de petróleo e produção de álcool (42,9%), por conta do pagamento de

participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor, minerais não-metálicos (11,0%), produtos químicos (8,9%), alimentos e bebidas (3,2%) e produtos de metal (3,6%), no terceiro, indústrias extrativas (10,1%), em função do pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor, alimentos e bebidas (3,3%), produtos químicos (7,3%), minerais não-metálicos (7,7%) e refino de petróleo e produção de álcool (5,7%), no quarto, e indústrias extrativas (55,7%), impulsionado sobretudo pelo pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor, metalurgia básica (8,2%) e alimentos e bebidas (4,8%), no último. Em sentido contrário, a principal influência negativa foi assinalada pelo Rio Grande do Sul (-3,2%), pressionado, em grande parte, pela queda no valor da folha de pagamento real do setor de meios de transporte (-24,6%).

Setorialmente, ainda no índice mensal de maio de 2014, o valor da folha de pagamento real no total do país avançou em dez dos dezoito ramos investigados, com destaque para alimentos e bebidas (7,6%), indústrias extrativas (8,8%), refino de petróleo e produção de álcool (10,7%), meios de transporte (1,4%), produtos químicos (1,9%) e minerais não-metálicos (2,9%). Por outro lado, os principais impactos negativos foram verificados nos setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,6%), máquinas e equipamentos (-3,5%) e produtos de metal (-4,0%).

No índice acumulado nos cinco primeiros meses de 2014, o valor da folha de pagamento real avançou 1,7%, com taxas positivas em dez dos quatorze locais pesquisados. A principal contribuição positiva sobre o total da indústria foi assinalada por São Paulo (1,3%), vindo a seguir as influências registradas por Região Norte e Centro-Oeste (5,3%), Minas Gerais (2,5%), Santa Catarina (3,5%) e Paraná (2,6%). Em sentido contrário, os impactos negativos foram observados na Bahia (-1,0%), no Rio de Janeiro (-0,3%) e no Ceará (-0,6%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou em onze das dezoito atividades pesquisadas,

impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas (6,0%), meios de transporte (2,7%), indústrias extrativas (3,9%), minerais não-metálicos (6,3%), borracha e plástico (4,4%) e vestuário (3,2%). Por outro lado, os setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-3,9%), máquinas e equipamentos (-1,5%), produtos de metal (-2,4%) e papel e gráfica (-1,9%) assinalaram as principais contribuições negativas no índice acumulado nos cinco primeiros meses do ano.